

EDITORIAL

<http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2642>

É com imensa satisfação que abrimos esse volume especial da revista *Perspectivas em Ciência da Informação*, relativo à comemoração dos 65 anos da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Inicialmente, agradecemos à editora da PCI, professora Terezinha de Fátima Carvalho Souza, pelo convite para a produção deste texto e pela iniciativa de organização deste fascículo. A revista PCI, em duas outras ocasiões, dedicou números especiais à história da ECI. No ano 2000, um volume especial apresentou uma discussão essencial da época (a mudança do nome da unidade, de Escola de Biblioteconomia para Escola de Ciência da Informação), um balanço dos 50 anos da Escola, e textos apresentando os diferentes setores da instituição. Em 2011, outro volume especial comemorou o aniversário da Escola. Na ocasião, foram publicadas entrevistas com todos os diretores da Escola, ao longo de seus 60 anos, proporcionando uma visão panorâmica dos principais desafios e questões de cada época. É importante destacar essas iniciativas, pois por meio delas são produzidos documentos que registram, preservam e disponibilizam a história da instituição, contada a partir dos critérios e enquadramentos de cada época.

Em 2015, a ECI comemorou os seus 65 anos com uma série de eventos. Houve também a decisão de publicação deste número especial de PCI. Optou-se por, mais uma vez, realizar um apanhado de cada setor da Escola, a exemplo do que aconteceu no ano 2000 – o que é muito oportuno, considerando-se as mudanças significativas nestes últimos 15 anos, sobretudo com a ampliação para novas áreas de conhecimento, que levou a uma ampla mudança em vários setores e instâncias.

Mudanças às vezes podem ser vistas como algo negativo, porque implicam perturbação no conforto, no estabelecido, no confortável. Fazem parte, contudo, do movimento natural de vida, em que coisas se transformam, deixam de ser algo para se tornar outra coisa, tornando possível o novo.

Algumas mudanças são pequenas, quase não alteram o quadro anterior. Outras são mais drásticas. No caso da comemoração dos 65 anos, comemoramos um saldo de grandes mudanças num intervalo de tempo relativamente pequeno. Ao mesmo tempo, comemoramos e precisamos consolidar as principais conquistas obtidas por essa Escola, realizadas em diferentes momentos de sua história. As mudanças relacionadas aos 65 anos são profundas. Na comemoração dos 50 anos, a Escola era estruturalmente a mesma de antes, uma escola de biblioteconomia e de ciência da informação, com um curso de graduação e uma pós-graduação *stricto-sensu*. Na comemoração dos 60 anos, estávamos em transição. Estavam chegando os novos funcionários,

professores e alunos relacionados aos dois cursos de graduação criados na Escola. Agora, nos 65 anos, temos a primeira comemoração da ECI já ampliada, com os cursos montados, os corpos docente e discente instalados. Isso também coloca desafios: já não se trata de criar c, mas de consolidar o já criado.

É nesse quadro que deve ser localizada essa publicação. Inicialmente, vale lembrar quem nós somos, que Escola é essa. Fazemos parte do sistema federal de ensino superior, um sistema com cada vez mais qualidade, mais consistência e mais inclusivo. Fazemos parte da UFMG, uma instituição prestes a completar 90 anos, responsável, competente, com papel de destaque nos cenários regional, nacional e internacional. E temos, enquanto Escola, 65 anos de existência.

Há um livro de Erving Goffman (na verdade, uma coletânea) intitulado "Os momentos e seus homens". É interessante que o título seja esse, com as palavras nesta ordem, e não em ordem contrária. Nesse título está uma ideia básica: a da importância dos contextos específicos, das realidades espaciais e temporais, para a definição do que nós somos, de nossas identidades. Não somos uma essência, somos contingência, singularidade. Não no sentido de sermos determinados pelos contextos. E sim no sentido de que somos de um jeito num momento, somos de outro em outro momento, ou em outro local, ou diante de novas circunstâncias. É pertinente evocar essa ideia numa publicação comemorativa como esta, por três motivos.

O primeiro tem a ver com a própria história dessa Escola. Ficamos tentados, aqui, a fazer um histórico da ECI: ver a história desta instituição, seu pioneirismo na construção da biblioteconomia brasileira, a maneira como formou profissionais para atuar em todo o país, e como conquistou um importante espaço na UFMG. É uma história de superação de condições adversas, de construção de diálogos com parceiros dentro e fora da UFMG, de identificação de funcionários, alunos e professores com uma "casa" de convivência e companheirismo.

Ficamos tentados a tratar de toda a história, mas os limites deste texto não permitem. Correndo o risco de cometermos alguma injustiça por omissão, escolhemos destacar aqui dois momentos particulares da vida desta Escola. Não por serem mais importantes, ou mais representativos, mas apenas pelo fato de terem representando momentos de mudanças profundas (o que combina com o momento atual dos 65 anos). O primeiro desses momentos é a década de 1970. Em 1972, a Escola mostrou o seu pioneirismo criando o periódico Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Naquela época, um periódico científico era muito diferente do que é hoje. Naquele momento, periódicos publicavam artigos dos professores e pesquisadores do próprio local em que eram editados, eram uma espécie de apresentação do "pensamento da casa" para as demais instituições. Nesse sentido, a REB mostrou, para o país, a face da ECI, do que se pensava aqui, do que se produzia aqui – constituindo um excelente exemplo de relato de um perfil científico de uma época, uma época em que a ECI apresentava uma contribuição muito clara à biblioteconomia brasileira - e não só, pois já havia ali pesquisa em arquivologia, havia algo

sobre museus, e também sobre informação. Além disso, REB apresentava importantes artigos com objetivo de serem material didático de suporte ao ensino, numa época em que isso era muito necessário. Traduções, revisões de literatura, mapeamentos conceituais proliferavam na revista e ajudavam a consolidar uma área em construção. Olhar para toda a história da revista é vislumbrar uma narrativa da construção institucional – e olhar sobretudo para os anos 1970 é ver os primeiros passos desse caminho.

Uma segunda criação da Escola nesse período (em 1973) é o Carro Biblioteca. Segundo projeto de extensão mais antigo da UFMG, ele se insere na ousadia de uma época, em que se percebia a concentração da informação e dos serviços biblioteconômicos para uns poucos e se via na atividade de extensão bibliotecária uma possibilidade concreta de maior justiça social, promoção da cidadania, condição de politização, educação e cultura. O Carro Biblioteca, atividade de extensão, mobilizou pesquisas e atividades de ensino, servindo como exemplo vivo da desejada cooperação entre o tripé que fundamenta a universidade: ensino, pesquisa e extensão.

O terceiro exemplo desse período é a criação da pós-graduação, com o Mestrado em Administração de Bibliotecas de 1976. Ali está mais uma vez uma evidência da ousadia da ECI, propondo de maneira pioneira um mestrado, dando um passo importante no sentido de consolidação da área. O sistema de pós-graduação do Brasil ainda engatinhava, a formação se dava principalmente no exterior, e desde cedo a biblioteconomia já estava ali, marcando presença, por meio da atuação pioneira da ECI.

Faremos um salto até a década de 1990. Nessa época, a ECI começou a operar algumas mudanças conceituais, que tiveram sua face mais visível, no imediato, com mudanças de nomenclatura, mas que foram muito mais amplas. Começou com a mudança nos nomes dos departamentos, de “Bibliografia e Documentação” para “Organização e Tratamento da Informação” e de “Biblioteconomia” para “Teoria e Gestão da Informação”. Pouco depois, em 1996, a Escola resolveu encerrar a REB e criar um novo periódico, “Perspectivas em Ciência da Informação”. A pós-graduação tornou-se um “Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação”, com a criação do doutorado em 1997. A cada mudança dessas, sinalizava-se o desejo da Escola de continuar sendo de biblioteconomia, mas de incorporar novos fazeres, novos saberes, novos campos de atuação. Tudo isso consolidou-se no ano 2000, com a significativa mudança de nome da Escola de EB para ECI. Fechava-se ali um período de transição também marcado pela ousadia: alterar uma tradição consistente e consolidada, a da biblioteconomia, por um terreno inseguro e difuso, o da ciência da informação. Mas nunca se tratou da substituição de um por outro – mas compreender isso, tanto internamente como para o ambiente externo, sempre foi um desafio. Um estimulante desafio, pois, como dito no início deste texto, mudanças nos tiram do cômodo, do confortável e, com isso, nos fazem crescer.

Destacamos esses dois momentos (poderiam ter sido outros) porque vemos neles um elemento comum: ousadia! A Escola não teve medo, nesses momentos, de mudar. De olhar para os contextos, de deixar-se afetar por esses contextos, de deixar-se transformar à luz das oportunidades. Claro que, nesses momentos, houve também insegurança, receio de errar, de colocar a perder o já conquistado. Mas as pessoas que foram protagonistas desses processos, nessas duas épocas (ou momentos, para usar os termos do livro mencionado) não se deixaram desanimar, não se entregaram à insegurança e ao medo. Arriscaram!

E hoje? Mencionamos aqui os anos 1970, em que desafios do momento (consolidação da formação em biblioteconomia, necessidade de democratização, formação de professores e pesquisadores em nível de pós-graduação) fizeram “os seus homens”, isto é, a EB daquela época. Mencionamos os anos 1990, em que outros desafios (a automação, a ampliação do campo de trabalho para o setor empresarial, a redemocratização do país, o pensamento complexo e pós-moderno nas ciências) fizeram novamente “outros homens”, inclusive com as já mencionadas mudanças de nomenclatura. E o que dizer de 2015? Que “momento” é esse? E que “homens” são necessários para construí-lo?

Evocamos aqui, primeiro, o passado recente da Escola, da universidade e do país. Há alguns anos, um grande projeto de ampliação e reestruturação do ensino superior federal aconteceu no Brasil. A UFMG aderiu fortemente a esse projeto. Em alguns setores da instituição, houve pouca mudança. Em outros, houve apenas um crescimento. Aqui na ECI, houve uma mudança estrutural, na medida em que duas novas áreas de conhecimento, que há muito tempo já vinham “reivindicando” a sua criação, puderam se institucionalizar. Cabe lembrar que várias vezes a ECI já tinha se manifestado nesse sentido. Desde os anos 1970 falava-se num curso de arquivologia. Desde 1999 a ECI participava de uma comissão inter-unidades para criar um curso de museologia na UFMG. O documento de 2000, que sustenta a mudança de nome da Escola, falava da criação destes dois cursos. De repente, havia “o momento”. Faziam-se necessários, ali, os seus homens.

Os cursos foram pensados e planejados. Formaram-se comissões, projetos pedagógicos, previsão de infra-estrutura, de pessoal. Houve muito trabalho na Escola entre os anos de 2008 e 2011. E então, destes trabalhos, emergiu uma escola de ciência da informação, com graduações em biblioteconomia, em arquivologia, em museologia, e pós-graduação em ciência da informação. Um cenário institucional absolutamente singular (embora não único no país), paradigmático. A presença desses cursos poderia ter sido apenas um acaso, uma condição administrativa. Mas poderíamos fazer disso uma condição teórica, conceitual. Estava ali mais uma oportunidade, sem certezas. Mais um “momento” aguardando “os seus homens”...

A partir daí, percebeu-se que era possível, interessante, desejável, enriquecedor, propor o diálogo e a cooperação entre as áreas de conhecimento que passaram a compor esta Escola. Percebeu-se que podíamos transformar essa realidade institucional única numa potência.

Retirar dela implicações epistemológicas de ensino, de pesquisa, de extensão e de práticas administrativas estruturais. Não fazer apenas biblioteconomia, mas biblioteconomia que está em diálogo com arquivologia, com museologia e com ciência da informação. E assim sucessivamente para as demais.

E isso só seria possível a partir de duas linhas mestras básicas. Primeiro, o respeito à diversidade de linhas de pensamento. O respeito pelo outro, pelo jeito de ser do outro, pelo percurso do outro. Segundo, pela priorização de uma vida intelectual, de vontade de conhecimento, de sede por conceitos, teorias, metodologias, práticas profissionais.

Isso nos remete portanto, e aqui chegamos ao ponto central desse texto, ao SENTIDO do que fazemos. Nós somos uma instituição de ensino, de formação, de pesquisa. O nosso “negócio” é o conhecimento, é a atividade intelectual, é o compromisso com o crescimento do outro. E não em qualquer área, mas nas áreas de arquivos, de bibliotecas, de museus, enfim, de cultura, de memória, de patrimônio e de informação.

Há um pensador chamado David Cerbone que, para explicar o que é a fenomenologia, dá o seguinte exemplo: imagine-se lendo um livro. Descreva. Ao descrever, podemos dizer o que lemos: o livro, as páginas, a textura, o peso, o tamanho, as letras, e o próprio conteúdo. Mas agora desloque a reflexão e descreva o seu ato de ver os objetos, a maneira como você lê o livro. A fenomenologia é isso, prestar atenção à experiência em vez daquilo que é experienciado. A experiência, nesse sentido, diz respeito às aparições de objetos a partir de uma intencionalidade, de um sujeito que se move para uma realidade. E, se falamos de intencionalidade, falamos de condições de possibilidade – daquilo que pode vir a ser. Embora estejamos apresentando aqui de uma maneira muito simples, gostaríamos de fazer um convite para um pequeno exercício fenomenológico para avaliar o que fazemos, aqui, na ECI.

Tudo o que fazemos aqui (reuniões, relatórios, planilhas, compras, atas, correção de provas, etc) só faz sentido porque, lá fora, existe uma sociedade que cria registros de conhecimento (documentos, informação), e que usa esses registros no decurso de suas atividades, e que em algum momento “inventa” instituições e práticas para interferir nesses processos, para torná-los mais rápidos, mais baratos, mais eficientes, mais transparentes, mais éticos, mais plurais, mais democráticos. E uma sociedade que faz isso porque quer ser uma sociedade melhor. Quer ser mais produtiva, mais avançada tecnologicamente, mais inclusiva, mais justa. Esse é o sentido, é por isso que estamos, todos nós, aqui, desempenhando nossas tarefas do dia a dia.

É sempre bom nos lembrarmos disso, porque é o sentido do que fazemos que diz de quem somos e de quem devemos ser. E se nosso sentido reside aí, nessa sociedade ávida por interferências no plano do conhecimento registrado por ela própria produzido e utilizado, então percebemos que há algo além das práticas profissionais arquivísticas, biblioteconômicas, informacionais e museológicas. Há a sociedade, e a relação dela com o saber, o conhecimento, a memória, o patrimônio e a

cultura. E que pode ter, na atuação cooperada e mutuamente referenciada de arquivistas, bibliotecários e museólogos, mais benefícios do que na atuação isolada de cada um deles. É nisso que acreditamos!

Gostaríamos de mencionar três exemplos de outras instituições de ensino, que particularmente admiramos e temos como referência, para ver como se pode, concretamente, implementar um projeto como esse.

O primeiro é a Escola de Chicago. Por esse termo se designa um conjunto de pesquisas realizadas entre 1915 e 1940 marcados por uma forte orientação empiricista e métodos originais de investigação: documentos pessoais, trabalho de campo, fontes documentais, construindo uma sociologia urbana, de natureza qualitativa, que se tornou líder nos Estados Unidos e referência no mundo, contribuindo em muito para a consolidação da sociologia como disciplina e berço de distintos movimentos teóricos como, entre outros, o interacionismo simbólico.

O segundo é a Escola de Frankfurt. Mais importante movimento intelectual do século XX, o grupo apresentou uma originalidade na fusão de ideias de Marx, Freud e Nietzsche, elaborou uma crítica fundamental à ciência moderna, lançando as bases para os questionamentos futuros sobre o tipo de ciência que fazemos. E uniu um grupo de pesquisadores em torno da construção de uma nova postura de estudo da realidade, a teoria crítica.

O terceiro é o Centro de Estudos da Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham. Ali foram criados os estudos culturais, um projeto intelectual inovador, interdisciplinar (embora sem usar essa designação), unindo literatura, história, comunicação, sociologia e outras áreas, exercendo influência igualmente em diversos campos de conhecimento, reabilitando o conceito de cultura, numa nova perspectiva, reconstruindo as relações entre o plano das ideias (superestrutura, na clássica distinção promovida por Marx) e as condições materiais de existência (infraestrutura).

Esses três exemplos nos mostram que é possível, num determinado momento, haver a confluência de pessoas, atividades e interesses para um projeto coletivo. Não no sentido de um autoritarismo, de uma imposição que calasse as diferenças e obrigasse a um conformismo. Mas no sentido de uma adesão voluntária a uma proposta nascida e construída coletivamente, na qual cada um se visse reconhecido, e que pudesse aproveitar, como potência criadora, as singularidades do pensamento e da contribuição de cada um. Estas três experiências são mundialmente conhecidas e se tornaram um marco na "aventura intelectual humana", para usar os termos de Shera e Cleveland. Tais grupos nunca buscaram ser "os melhores", no sentido de uma competição e busca por destaque e distinção. Buscaram, apenas, construir uma proposta original, inovadora. Buscaram ser eles mesmos, aproveitar sua própria potencialidade. Em vez de se acomodar, de andar do mesmo jeito e no mesmo ritmo dos demais, buscaram ter sua própria voz, escrever sua própria página na história do pensamento científico. Romperam com o comodismo, com o estabelecido, sofreram as pressões decorrentes disso, aceitaram os riscos. O reconhecimento que obtiveram depois nunca foi o objetivo inicial – foi a

conseqüência de sua ousadia, de sua postura (ou impostura) intelectual curiosa e inquieta. São homens profundamente marcados por seus momentos. Mas souberam dar respostas diferentes, únicas, a esses momentos. Construíram dessa forma, esses homens, os seus momentos.

Voltando então para o nosso país, a nossa universidade, e a nossa Escola... qual nosso momento? Quais as nossas circunstâncias? Temos, em primeiro lugar, a nossa Escola. Temos aqui dentro vários setores, alguns acadêmicos, outros administrativos. Cada um tem funções e procedimentos próprios. Alguns lidam com pessoas, outros com dinheiro, outros com equipamentos. Podemos ter uma Escola fragmentada, isolada, em que cada setor busca apenas desempenhar suas tarefas. Ou podemos ter uma Escola mobilizada em prol de um objetivo comum, de um projeto comum. Departamentos que reconheçam que prestam serviços para uma mesma missão. Colegiados de cursos que atuam pensando também naquilo que é pertinente e interessante para os demais cursos.

Mas a nossa ECI é, ainda, parte da UFMG. Então é preciso lembrar que temos aqui dentro muitos parceiros que, de uma ou de outra forma, também estão relacionados com esse grande projeto nosso, em torno de uma sociedade e suas relações com conhecimento, informação, memória, patrimônio e cultura. Temos o Sistema de Bibliotecas da UFMG, temos a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG (com museus, centros de memória, espaços de ciência e cultura), temos a Diarq (Diretoria de Arquivos Institucionais), temos a Diretoria de Governança Informacional, temos o Núcleo de Divulgação Científica, temos o Cedecom (Centro de Comunicação da UFMG) e muitos outros. E ainda as outras unidades acadêmicas que são nossas parceiras. O DCC do Icx, a Face, a Fafich, a Fale, a FAE, a EBA, e muitas outras onde ministramos disciplinas, ou de quem recebemos oferta de disciplinas, ou com quem pesquisamos, praticamos extensão, discutimos, planejamos. A ECI não é uma ilha.

Sempre é importante lembrar que fora da UFMG há um mundo! Temos a comunidade brasileira que trabalha com as nossas áreas, nas diversas universidades brasileiras – hoje existem, em nível de graduação, 37 cursos de biblioteconomia, 16 cursos de arquivologia, 15 cursos de museologia, 4 cursos de gestão da informação. Na pós-graduação temos 12 cursos de pós-graduação em ciência da informação, três em museologia, um em arquivologia, um em biblioteconomia e um em memória social. Além deles, temos vários outros parceiros: conselhos profissionais, associações, fundações, ministérios, secretarias estaduais e municipais, e muitas outras. Temos muito a aprender com todos eles. Temos a contribuir também. Temos uma imensa oportunidade de construção conjunta do sentido de nossas ações.

Nesse sentido, vale lembrar aqui, para registrar e para nos planejarmos, que a nossa ECI será palco de importantes eventos no futuro próximo. Em setembro de 2016, nossa Escola sediará o XI Encuentro de Directores y X de Docentes de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de la Información del Mercosur e, na mesma semana, o X Encuentro Edicic, o encontro da Asociación de Educación y Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe. Com isso, estaremos projetando

nosso protagonismo para a América do Sul, para a América Latina e para a IberoAmérica e, também, participando de maneira muito ativa da construção de um pensamento iberoamericano sobre as questões da informação, do conhecimento e da cultura. Ao mesmo tempo, participamos com nossa voz, com nossa identidade singular, conformada em torno do projeto coletivo que estamos querendo construir aqui.

Para concluir, começamos este texto mencionando passado e futuro. Um momento de comemoração de aniversário evoca essa reflexão. Falamos aqui do passado dessa Escola, um passado cheio de conquistas, de convivências, de pessoas, de ideias, de projetos que deram certo, da formação de diversas pessoas. E estamos aqui falando também de um futuro, com projetos, ideias, projetos de ensino, de pesquisa, parcerias, ações conjuntas. O passado não precisa ficar lá, longe, esquecido, como se não tivesse nada a ver com o que somos. Tanto o passado remoto (os anos 1950, 1960) quanto o passado recente podem estar aqui, perto de nós, vivenciados a cada minuto do dia a dia. Da mesma forma o futuro, esse futuro brilhante que nós estamos aqui antevendo e planejando, também não precisa ficar lá longe de nós. Ele pode estar aqui, bem perto, conosco. O futuro... é hoje!

Carlos Alberto Ávila Araújo
Adalson de Oliveira Nascimento



Corpo Docente



Corpo Técnico Administrativo



Representantes dos discentes nos órgãos e colegiados da ECI